

# A REALIDADE VALIDANDO A CRENÇA: CONFLUÊNCIAS ENTRE PANTANAL, TORTO ARADO E O MITO DO CANAIMÉ

*REALITY VALIDATING BELIEF: CONFLUENCES BETWEEN PANTANAL, TORTO ARADO AND THE MYTH OF CANAIMÉ*

DOI: <https://doi.org/10.24979/ambiente.v17i2.1368>

Jacilene Silva da Cruz

Universidade Estadual de Roraima - UERR

<https://orcid.org/0000-0001-8500-055X>

**RESUMO:** A linha que separa a arte da realidade é, muitas vezes tênue, imperceptível, daí a necessidade da escrita desse artigo que objetiva principalmente mostrar as confluências entre a arte e a vida e vice-versa. Isso foi feito através de *Pantanal*, obra novelesca televisiva, do livro *Torto Arado* e do mito do Canaimé, pertencente a uma parcela significativa dos povos originários do estado de Roraima, extremo norte do Brasil. A metodologia foi a bibliográfica-documental sob a abordagem qualitativa, primando pelo enfoque fenomenológico. Pode-se perceber que as crenças, por mais ilógico que pareça para quem não as têm, faz total sentido, chegando a validar ações por mais absurdas que estas possam aparentar. Algumas das referências utilizadas foram Carvalho (2016), Vieira Jr. (2019) e Xavier (2023), dentre outros necessários a consolidação dessa escrita.

**Palavras-chaves:** Confluências. Mito. Realidade.

**ABSTRACT:** The line that separates art from reality is often tenuous, hence the need to write this article, which mainly aims to show the intersections between art and real life and vice versa. This relation could be done through *Pantanal*, a television soap opera, the book *Torto Arado* and the Myth of *Canaimé*, held by a significant number of the original people from Roraima, a region in the extreme north of Brazil. The methodology used was bibliographical- documentary under the qualitative approach, focusing on the phenomenological method. It was noticed that beliefs, regardless of how illogical they may be for those who do not believe in them, make complete sense, to the point that they even validate actions as absurd as they may seem. Some of the references used were (2016), Vieira Jr. (2019), and Xavier (2023), among others.

**Keywords:** Confluences. Myth. Reality.

## INTRODUÇÃO

A arte caminha de mãos dadas com a vida e é lugar-comum dizer que a primeira imita a segunda, embora Gessinger (1999 s/p), vocalista da banda Engenheiros do Hawai, tenha dito o contrário ao cantar

que “[...]a vida imita o vídeo [...]”. A contradição apresentada na canção não estabelece uma relação paradoxal com o lugar comum, ou seja, não se anulam. Ao invés disso, evidencia que a arte cria laços com a vida de maneira que, muitas vezes, não se sabe onde começa uma e onde termina a outra.

O artista é, acima de tudo, humano, e conseqüentemente, histórico. Em tempos de descrédito e intolerância à arte, sempre é necessário trazer à tona o poder que ela tem para a manutenção da vida e de vidas. Por esta razão, objetivo com esse artigo mostrar as confluências entre a arte e a vida, surgidas após a leitura do livro *Torto Arado* de Itamar Vieira Júnior, a novela *Pantanal* que teve a trama original criada por Benedito Ruy Barbosa e o *Canaimé*, personagem mítico da crença da maioria das etnias indígenas no estado de Roraima, extremo norte do Brasil.

Assim, a partir de pesquisa bibliográfica e documental com abordagem qualitativa e enfoque fenomenológico, fiz um giro sobre a escrita de Itamar, e visitei a obra de Benedito Ruy Barbosa reescrita pelo seu neto, Bruno Luperi. Em jornais, artigos e dissertações encontrei escritos relevantes sobre o *Canaimé*.

Organizado em duas partes essenciais, primeiro essa escrita conta com um referencial teórico que traz um pouco sobre a história da obra literária, segue pela trama novelesca e se encerra salientando alguns pontos sobre o maléfico ser mítico. Na segunda parte, trago o ponto de fusão entre esses três elementos e o que se depreende dele.

## **1. UM POUCO DE *TORTO ARADO*, *PANTANAL* E O *CANAIMÉ***

Nesse tópico, apresento os três elementos que entrarão em confluência na discussão. Sendo assim, usarei esse primeiro momento para falar um pouco sobre Itamar Vieira Júnior e o seu badaladíssimo *Torto Arado*. Na sequência, falarei sobre *Pantanal*, novela regravada, que fez muitos espectadores pararem na frente da TV no recém findado ano de 2022. E, por fim, trarei um breve apanhado sobre o *Canaimé*, entidade mítica dos povos originários, especialmente os Macuxi e Wapichana, no estado de Roraima.

### **1.1 *TORTO ARADO* E ITAMAR: UM POUCO DA CRIATURA E DO SEU CRIADOR**

A obra literária em questão, nasceu da tese *Trabalhar é tá na luta: vida, morada e movimento entre o povo luna, Chapada Diamantina*. Ela traz o “processo de regularização do território da comunidade quilombola de luna, situada em Lençóis, Chapada Diamantina, Bahia, Brasil” (Vieira Jr., 2017, p. 8). Mostra o caminhar, a peregrinação de um povo por fazendas, roças e outras nomenclaturas de propriedades rurais, em busca de um telhado para abrigar as cabeças, um chão para assentar a si e aos seus.

Publicado pela editora *Todavia, Torto Arado* é desses livros que quem leu, não consegue esquecer. Poderia ser um romance de tragédia, que se ocupa em mostrar o sofrimento de um povo, mas vai além disso. É uma história dolorida sim, muito! Mas também de força, de mulheres corajosas que enquanto choram os seus mortos, reescrevem-se no mundo. Brutal e belo.

No ano de 2020, ganhou o prêmio *Oceanos* - Prêmio de Literatura em Língua Portuguesa – e o *Jabutí*, referência em premiação literária no Brasil. (Istoé, 2020, s/p).

Como se não bastassem esses prêmios, foi o ganhador do *LeYa*, em 2018. A obra possui solidez na construção, equilíbrio na narrativa e na forma como aborda o Brasil Rural, evidenciando figuras femininas [...]. (LEYA, 2022, s/p).

As imagens que seguem ilustram um pouco do sucesso do romance de Itamar.

Figura 1 – Capa de *Torto Arado* na Alemanha



Figura 2 – Capa de *Torto Arado* na Eslováquia

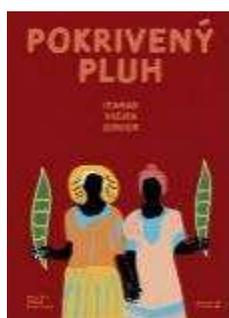


Figura 3 – Capa de *Torto Arado* na Croácia



Figura 4 – Capa de *Torto Arado* na Colômbia



Fonte: <https://www.instagram.com/explore/tags/tortoaradoliteratura/>. Acesso 15 de julho de 2024.

As capas variadas são apenas uma amostra da dimensão que *Torto Arado* tomou. Entretanto convém salientar que, das apresentadas, apenas na língua alemã, primeira imagem, a tradução do título não corresponde à original, ficando *A voz da minha irmã*.

De fato, é uma envolvente trama que tem como cenário o Brasil rural, mais precisamente a Bahia. Em um espaço até então pouquíssimo explorado na literatura. Lá se encontram Zeca Chapéu Grande e Salustiana Nicolau com seus filhos, especialmente as fortes irmãs, Bibiana e Belonísia, que têm como avó paterna Donana, figura muito importante na história. A família é uma das que faz prosperar a “fictícia” fazenda Água Negra, na Chapada Diamantina.

O romance faz voltas ao passado para elucidar mistérios despretensiosamente colocados. Tudo isso com um vocabulário “escolhido a dedo”. São palavras precisas, de quem sabe dizer e sabe o que quer dizer.

Além disso, o livro traz o *Encantado*, celebração religiosa de matriz africana, que tem em Zeca Chapéu Grande sua personificação. O modo como o autor presenteia o público leitor com o culto é fantástico, pois ele apresenta a essência de uma devoção por séculos marginalizada.

[...] A repulsa pelas vestes era tanta que a roupa não era guardada no quarto dos santos como as demais, mas na casa de Tonha, ela mesma levava para o encantado nas noites de **jarê**.

Zeca Chapéu Grande **se envergonhava de ter que deixar as calças** que honravam a sua posição de liderança na fazenda, como pai espiritual, **e vestir saias, emprestando seu corpo a uma mulher**. Fazia porque era a sua obrigação, compromisso que havia assumido quando se curou da loucura e se fez no santo na casa de João do Lajedo, em Andaraí. Mas se envergonhava, porque a audiência era formada por seus compadres e vizinhos, que muitas vezes conduzia nos trabalhos de mutirão para a fazenda (Vieira Jr., 2018, p. 62/63 – destaques meus).

Desse excerto, não com a intenção de abrir uma discussão, mas de revelar uma constatação, destaco a força da figura da grande mãe na cultura dos povos africanos, nas festas de jarê. O *Encantado* traz o feminino como seu cerne. Esse ser que cura, ter poder para despir um homem e (re)vesti-lo como a mulher que cura, aconselha e guia, revela a sacralização desta, evidenciando sua importância para esses povos.

O jarê é fundamental no desenrolar da trama.

O criador desse enredo é Itamar Rangel Vieira Junior, baiano de Salvador, nascido em 1979. Formado em Geografia pela Universidade Federal da Bahia, mestre e doutor em Estudos Étnicos e Africanos na mesma universidade. Foi para escrever sua tese que se deslocou para a Chapada Diamantina.

As imagens a seguir, enfim trazem a capa da obra na versão que ficou mais conhecida no Brasil e o seu autor.

Figura 5 – Capa brasileira de *Torto Arado*

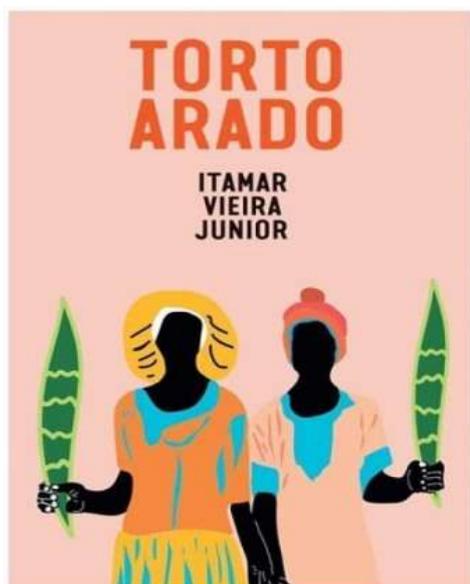


Figura 6 – Itamar Rangel Vieira Junior



Fonte: <https://www.instagram.com/explore/tags/tortoaradoliteratura/>. Acesso 15 de julho de 2024.

Apesar dos seus 45 anos já vividos, Itamar possui sorriso nos olhos e nos lábios, revelando o menino que deixa a imaginação voar. Seu primeiro livro foi *Dias – contos*, vencedor do XI Prêmio Projeto de Arte e Cultura (Bahia). Posteriormente,

Em 2017, lança o também premiado *A oração do carrasco*, finalista do Prêmio Jabuti do ano seguinte na categoria conto. Além disso, o livro conseguiu o segundo lugar no Prêmio Bunkyo de Literatura 2018 e foi vencedor do Prêmio Humberto de Campos da União Brasileira de Escritores (Seção Rio de Janeiro). (LITERAFRO, 2022, s/p).

Itamar foi o primeiro aluno receptor da Bolsa Milton Santos, direcionada a estudantes da UFBA que desenvolvem pesquisas que problematizam à cidade, à urbanização, o território, entre outros espaços. (Bahia, 2016, s/p).

Com essa ideia de espaço geográfico que me dirijo agora ao pantanal, lá em Mato Grosso do Sul.

## 1.2 PARA ALÉM DA BELA PAISAGEM, *PANTANAL* É TAMBÉM FORÇA E CULTURA

A extinta *Rede Manchete*, entre março e dezembro de 1990, exibiu a primeira versão da novela *Pantanal*. Escrita por Benedito Ruy Barbosa, a trama contou com grandes nomes da teledramaturgia como Cláudio Marzo, Marcos Palmeira, Jussara Freire e tantos outros. (Xavier, 2023, s/p). A releitura da obra televisiva em 2022, ficou a cargo de Bruno Luperi, neto de Benedito. Contou igualmente com grande elenco: Marcos Palmeira, Murilo Benício, Alanis Guillen, Osmar Prado, Dira Paes e demais atores que fizeram a novela ser (re)vista por milhões de espectadores em todos os cantos do país.

A saga da família Leôncio se inicia quando esta chega ao Pantanal de Mato Grosso do Sul e começa a criação de gado. Joventino Leôncio e seu filho José, com dez anos. Já adulto, na volta de uma das viagens, Zé Leôncio descobre que seu pai havia desaparecido, após sair sozinho para caçar bois no mato. Ele não vê, tampouco enterra o corpo do pai, esse fato desperta nele a incerteza da morte do seu genitor.

Em uma ponta da extensa fazenda dos Leôncio, está a tapera de Juma Marruá. Esta vive sozinha depois que a mãe é “assassinada por vingança na disputa entre posseiros de terras e vítimas de grilagem.” (Xavier, 2022, s/p). As conversas dão conta que Juma, assim como a mãe, transforma-se em onça-pintada quando se sente ameaçada. A personagem é quem enfocarei. Envolto nesse mesmo misticismo se encontra a figura do Velho do Rio, entidade protetora do hábitat e das pessoas boas. Acredita-se que ele é o pai desaparecido de Zé Leôncio.

A novela traz algo além do tradicional “bem *versus* mal” comum ao gênero, embora a releitura seja muito mais dinâmica que a original, ainda conserva indivíduos puros, sintonizados com o ambiente em que vivem. Sendo este ambiente distante das grandes cidades e, por mais que a tecnologia chegue aos mais longínquos lugares, lá ainda não se instalou e o mítico sempre habita o imaginário.

A versão de 2022 consegue se organizar sobre o tripé da beleza, inocência e força, sem se deixar levar pelo apelo a sexualidade, como em 1990. Foi uma aposta acertada do neto de Benedito que optou por se distanciar do avô nesse quesito.

Aqui, desembarco do mítico cenário pantaneiro e adentro nos confins do extremo norte do Brasil, trazendo o *Canaimé*, ser que faz morada no imaginário de algumas etnias indígenas de Roraima.

### 1.3 *CANAIMÉ*, O MAL

Kanaimo, Kanaimés, Kanaimé, Kanaima, Canaima, Kanaimi, Kanaimé ou *Canaimé*. São vários nomes para um mesmo ser, o que muda é o país onde a história está sendo reproduzida: Brasil, Guiana ou Venezuela. (Carvalho, 2016).

A primeira vez que ele, o *Canaimé*, prendeu minha atenção foi sendo monitora da disciplina de Epistemologia das Ciências da Educação, ministrada pelo Professor Dr. Elialdo Rodrigues à turma de 2021 do Mestrado Acadêmico em Educação do PPGE – UERR/IFRR. A história relatada por uma aluna, me deixou reflexiva, cheguei a ela na discussão deste artigo.

Segundo Sá, o *Canaimé* é “A divindade escura dos waikas e dos makiritares, o deus exasperado, princípio do mal e causa de todos os problemas. Disputa o mundo com Cajuña, a bondade. Demônio sem forma própria e capaz de assumir qualquer aparência, antigo Ahriman nascido na América.” (Sá, 2012, p.160).

Koch-Grunberg pontua que “O conceito de *Kanaimé* desempenha um papel muito importante na vida desses índios. Designa, de certo modo, o princípio mau, tudo que é sinistro e prejudica o homem e de que ele mal consegue se proteger. [...]” (Koch- Grunberg, 2006 p. 70).

Carvalho (2016) relaciona-o a algo horripilante. Já Machado e Pereira (2020) dizem ser uma figura enigmática, recorrente nas narrativas orais da região e “O *Kanaimé* é muito presente na vida dos povos indígenas de Roraima, principalmente relacionado a situações de medo, violência e morte.” (Machado e Pereira, 2020, p. 02).

Ainda de acordo com as autoras, ele é considerado um bandido, assassino, a maldade, o mal. Entidade extremamente perigosa, causa malefícios que desembocam na morte, possuindo sentimentos vingativos. A ideia de vingança é ratificada por Carvalho (2016, p. 20) quando afirma que “Há também uma perspectiva de atribuir ao ataque de *Canaimé* um artifício de vingança, a explicação está voltada a justificar que essa investida se respalda em uma condição que está além da simples vontade daquele que a pratica”.

Para encerrar a esteira das definições, Solon (2023, s/p), relata que “[...] outros dizem que o *Canaimé* é um ser perverso, meio homem, meio bicho que despeja sua ira em cima daqueles que causam algum tipo de mal a natureza [...]”.

A origem desse ser é bem explicada por Carvalho que pontua:

Algumas comunidades indígenas atribuem à utilização da Pussanga<sup>11</sup>, assim como outras plantas, a capacidade de transformação em *Canaimé*. [...]. O que acontecia com os pajés que praticavam a maldade contra outros parentes. [...] quando esses pajés morriam, suas almas não conseguiam ir para o céu, assim, esses espíritos atormentados ficavam vagando e iam para as serras e lá adormeciam dentro de uma planta que os antigos chamavam de tajá. (Carvalho, 2016, p. 20).

Esse Ser do Mal, que mata por matar, é efetivo em seus ataques, apesar de agir sempre sozinho para não deixar testemunhas. Faz emboscadas e, depois da vítima morta e enterrada, volta para sugar a carne apodrecida. (Carvalho, 2016).

Sabe-se que a pessoa foi uma vítima por intermédio de um bom Pajé que lava a “mão de pilão” e dá a água para a pessoa beber, após ter bebido, recorda-se do que aconteceu, confirmando o fato, mas isso não impede a sua morte. (Carvalho, 2016).

Com essa pequena exposição sobre esse ser mítico, fecho a primeira parte desse estudo. Lembrando que são os ambientes materiais e imateriais de *Torto Arado*, *Pantanal* e do *Canaimé* que me ocupei em descrever.

A apresentação feita nesse referencial, bem como as confluências entre eles, de que se ocupa a discussão, constituem-se em pesquisa bibliográfica e documental que, conforme Severino (2016, p.131) “[...] é aquela que se realiza do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses.”

Também é pesquisa qualitativa, segundo Cruz (2021, p. 06), por “buscar conectar todos os elementos participantes do processo, interligando-os de maneira que o pesquisador e o objeto pesquisado não se constituam isoladamente.” Por fim, possui enfoque fenomenológico porque não interpreta o objeto, mas o descreve, realçando a inexistência deste sem o sujeito (Cruz, 2021).

<sup>11</sup> Pussanga – Medicação mágica recebida pelos pajés, após consulta aos espíritos, para curar doenças ou afastar malefícios. Segundo Agnaldo Teixeira de Carvalho na Dissertação: *Canaimé: a invenção do mal*. Disponível em: <http://repositorio.ufr.br:8080/jspui/>. Acesso 10 de out. de 2023.

## 2. RIOS QUE CORREM PARA O MESMO LUGAR: A ARTE E A VIDA...

Consoante ao que já foi posto, o segundo tópico dessa pesquisa, a discussão, ocupa-se de mostrar as confluências entre a arte e a vida a partir de *Torto Arado*, *Pantanal* e *Canaimé*. Para tornar mais didática, é dividido em dois subtópicos. O primeiro mostra onde e como o livro e a novela se tocam. O segundo traz o registro de um assassinato, tendo como pano de fundo a crença no *Canaimé*, mostrando a relação entre o crime real e acontecimentos da ficção.

### 2.1 TORTO ARADO, PANTANAL E SUAS MULHERES BÁRBARAS

Antes de enumerar os elementos que aproximam as duas obras aqui emparelhadas, convém ressaltar que em hipótese alguma há a intenção de nivelar o sofrimento vivido pelo povo negro durante séculos com o vivido pelas Marruás. A dor do negro é histórica e repassada a gerações, já as Marruás possuem uma dor pontual – é uma família que foi enganada, não um povo que foi barbarizado.

Apesar das épocas serem distintas, tanto a trama de Benedito/Bruno quanto a de Itamar se desenrolam longe dos grandes centros urbanos. É um Brasil mais profundo e escondido. A primeira se desenrola no Pantanal sul-mato-grossense. A família Marruá tem sua vida acontecendo no mesmo espaço e paralela “A saga da família Leôncio, quando Joventino **chega ao Pantanal do Mato Grosso do Sul** acompanhado de seu filho José, com dez anos na época.” (Xavier, 2023, s/p – destaque meu). A segunda, na Fazenda Água Negra, Chapada Diamantina: “Por último, quis fazer **de Água Negra** um santuário ecológico, extasiado com a abundância de água que resistia a depredação da **Chapada**” (Vieira Jr., 2019, p. 211 – destaque meu).

Belonísia, uma das irmãs de *Torto Arado* sentia que “A terra era seu tesouro, parte de seu corpo, algo muito íntimo”. (Vieira Jr., 2019, p. 246). Em *Pantanal*, tanto a casa onde vivem quanto as características físicas se misturam à natureza. A pele de Juma é da cor da areia do leito do rio e os cabelos longos e ondulados parecem contíguos às folhas das árvores e as ondulações da água. As imagens facilitam essa percepção:

Figura 7 - A casa de Juma Marruá – destaque para a árvore integrada a parede

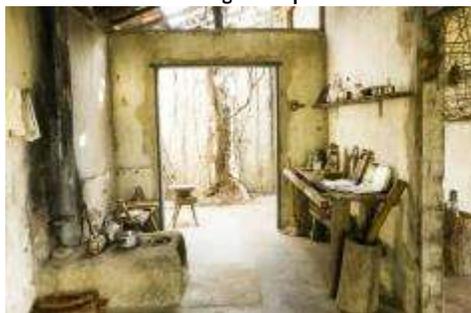


Figura 8 - Juma tendo a natureza como pano de fundo.



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/10534252/?s=13m03s>. Acesso: 07 de out. de 2023.

Além disso, são pessoas que vivem ameaçadas por poderosos, igualando-se nisso também. Esse terceiro elemento de aproximação desemboca no quarto que é a prisão. Isso torna todas as personagens aqui elencadas em cativas. Prisioneiras do medo, da necessidade de vingança e da sobrevivência: ou matavam ou seriam mortalmente feridas. No livro, “[...] por mais doloroso que fosse o desaparecimento de um líder, a solução para os problemas permanecia no horizonte, a ser perseguida em sua homenagem.” (Vieira Jr., 2019, p. 213) e “[...] Bibiana sentiu seu corpo tremer de desconforto, ao ver que Salomão a observava de longe, [...] Logo depois ele apearia, postando-se à sombra de um Jatobá. Queria intimidá-la.” (Vieira Jr., 2019, p. 218).

Já na novela, a família Marruá vive acuada, a mãe evita se deitar com o marido para não engravidar e ver seus filhos serem assassinados. São isolados, não se relacionam com os vizinhos, são ariscos e desconfiados. Sequer conversam com o dono das terras onde moram, os Leôncios, por receio de serem encontrados por seu algoz. São pessoas aprisionadas pelo medo.

Por fim, o agir institivamente. Juma ao tomar banho de rio com Muda, outra personagem, vê surgir um caçador e este ameaça violentá-las. A moça-onça se lança sobre o algoz e, mordendo-o, arranca-lhe uma orelha<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> Imagens disponíveis em: <https://globoplay.globo.com/v/10534252/?s=13m03s>. Acesso: 07 de out. de 2023.

Figura 9 – Juma atacando o homem que queria violentá-la.



Figura 10 - O sangue na boca depois de lhe tirar a orelha



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/10534252/?s=13m03s>. Acesso: 07 de out. de 2023.

Em *Torto Arado*, após a morte de Severo, Bibiana vê-se mergulhada em tristeza, começa a vagarear pela madrugada e volta para casa suja de terra. Ao ser questionada pelos filhos, responde que mexia no quintal (Vieira Jr., 2019). Porém Salomão foi encontrado morto em uma cova e ninguém sabia como e quem tinha cavado, só tinham certeza de que “[...] não parecia ter sido feita por mão de homem.” (Vieira Jr., 2019, p. 251).

Em síntese, nesse primeiro momento da discussão, elenquei cinco pontos em que as duas obras se tocam. Iniciando pelas tramas se desenvolverem em um espaço geográfico distante dos grandes centros urbanos. Em segundo está a simbiose entre as personagens e a natureza, seguido pelo fato de serem pessoas que vivem sob ameaça dos poderosos. Essa ameaça leva ao quarto elemento: seres aprisionados, cativos. Por conta do viver enjaulado, tornam-se feras e agem por instinto de sobrevivência. Saliento, porém, que, apesar de haver personagens masculinas também fantásticas e míticas nas duas obras, optei, nesse primeiro momento da discussão, por trazer apenas as mulheres: fortes, encantadoras e bárbaras.

Findando essa pesquisa, o segundo subtópico traz a relação entre as duas obras de ficção e um crime cometido no ano de 2017 que teve como pano de fundo o mito do *Canaimé*.

## **2.2 TORTO ARADO, PANTANAL E O CANAIMÉ: PONTOS INVISÍVEIS UNEM A VIDA E A ARTE**

Em 2017, dois homens assassinaram um terceiro:

Na ação penal os réus foram denunciados pela suposta prática de homicídio, tendo como vítima Raí Marcelo Branco, acusado de ter estuprado uma criança. Isso teria ocorrido porque Raí estava possuído pelo espírito do *Canaimé*. O homicídio aconteceu em 29 de junho de 2017, na estrada que dá acesso à Comunidade Indígena do Raimundão I. (Roraima, 2018, s/p).

Os denunciados eram indígenas e relataram que agiram segundo a crença na nefasta entidade, por isso, “O laudo antropológico foi solicitado nos autos pela defensoria a pedido da mãe de um dos acusados e acatado pela Juíza da Comarca que encaminhou a solicitação para a Universidade Federal de Roraima”. (Santos, 2020, p.1).

Sendo assim:

A juíza da Comarca de Alto Alegre, Sissi Marlene Dietrich Schwantes, declinou a competência de um processo para a Justiça Federal em virtude do crime tratar-se de um homicídio em que a vítima seria a figura do folclore conhecida como “Canaimé”, conforme acreditava os autores do crime. (Roraima, 2018, s/p).

É nesse exato ponto que a arte e a vida se entrelaçam: um ser, para muitos mítico, desencadeia fatos e consequências reais. Como provar para aqueles que cresceram ouvindo histórias sobre a existência do *Canaimé* que ele não existe? Sem me preocupar em cometer heresia, mas equivale a tentar convencer um cristão fervoroso que Jesus nunca existiu, ou para um praticante do islamismo que tampouco Maomé recebeu e propagou as mensagens de Alá.

Assim, o laudo antropológico, pedido pela defensoria pública do estado de Roraima, é acertado. Não para culpabilizar ou inocentar os réus, mas por colocar em evidência a motivação que vai além do racional.

Já em *Pantana*/tem-se o seguinte diálogo entre Juma e Muda:

Muda lembra de toda tragédia que cruzou os caminhos das famílias dela e da de Juma. E não se conforma que Tenório ainda esteja vivo. “O curpado foi o mardito, que ficô com tudo pra ele.” Ela então faz um pedido a Juma: “Então por que ocê num vira onça e acaba d’uma vez c’o ele?” E por incrível que pareça, a nossa menina onça topa: “Eu te ajudo... Depois disso num quero nunca mais virá onça nessa vida!” (Gshow, 2022, s/p)

A conversa das duas exemplifica a consciência e a crença da própria Juma em se transformar em um animal feroz. Em compensação *Torto Arado* traz as filhas de Zeca Chapéu Grande agindo de maneira inconsciente, mas tomadas pela mesma força e instinto de sobrevivência:

Nas últimas semanas passou a sair de madrugada. Carregava consigo uma enxada [...] Talvez perambulasse pelas matas e trilhas [...]  
As suas mãos doíam. Latejavam pelo resto do dia. Mergulhava-as numa panela com água e gelo, as deixava submersas. A pele se esgarçava em suas palmas vermelhas, calosas. Suas mãos sangravam. Você as escondia, nada dizia. Como as chagas do Senhor dos Passos crucificado. Como as mãos do seu povo. Como as mãos dos antepassados. Mãos que os ajudaram a sobreviver, que forjaram o alimento e encantos ao manejar folhas e movimentá-las pelo corpo necessitado. Mãos que forjaram a defesa e a justiça quando possível. A mão que o curador deixou na cabeça de seus filhos.  
Com a força de suas mãos dilaceradas você apenas abria um caminho. (Vieira Jr., 2018, p. 243/244).

O fragmento traz as mãos de Bibiana sangrando porque esta vaga as noites a cavar a cova onde posteriormente Salomão, dono de Água Negra, cairá morto. O narrador ainda acrescenta:

Salomão havia aparecido quase degolado, caído numa vereda no meio da mata, mas não muito distante da margem do rio Santo Antônio. [...] O grande mistério, sobre o qual discutiam no momento em que adentrou a casa: a cova. Uns disseram que surgiu do dia para a noite. Outros disseram que ela foi crescendo com o passar do tempo. Mas que não parecia feita por mãos de homem. Como se a terra estivesse cedendo, formando um poço largo e profundo. (Vieira Jr., 2018, p. 251).

As três personagens aqui aproximadas: onça, o encantado que se abriga no corpo de Zeca Chapéu Grande e depois de suas filhas e o *Kanaimé* são reais nas vidas de quem as circunda. As crenças não se baseiam em evidências. Dessa forma, acreditar que tanto Juma, quanto Belonísia e Bibiana se revelaram sobrenaturais para sobreviver é totalmente plausível.

Nessa mesma esteira de plausibilidade, entra o matar alguém por crer que ele é a morada de um ser hediondo. Koch-Grunberg (2006, p. 70) traz que “matar o Kanaimé é uma boa ação, e não acontece nada com o homem que faz isso”.

Essa mesma licença para matar é concedida ao Velho do Rio transmutado na Sucuri, que livra do mal o bioma e os que vivem nele em harmonia:

[...]ferido pela zagaia de Alcides, Tenório leva um bote de uma sucuri, que o arrasta rio adentro. Alcides leva Zaquieu ferido para a fazenda. José Lucas avisa que Zaquieu está fora de perigo. Muda sugere que foi o Velho do Rio quem matou Tenório. (Gshow, 2022, s/p).

Esse fim dado aos seres maléficos parece cruel e injustificável aos olhos descrentes, mas não o é dentro do todo onde aquela crença faz parte. Daí a necessidade de buscas e estudos profundos nas extensas raízes culturais de cada povo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte é, além de objeto de deleite e prazer, meio pelo qual a vida se manifesta. Desse modo, trouxe para esse artigo duas obras artísticas, *Torto Arado* e *Pantanal*, agregando a elas o mito do *Canaimé* e um trágico assassinato decorrido deste.

Ao equalizar realidade e ficção, pude mostrar que as tênues linhas que as separam desaparecem quando o elemento fantástico é materializado, corporificado.

Assim, quando Juma e alguns a sua volta acreditam que ela é capaz de se transformar em onça para se defender ou alguém que já morreu se materializar em cobra para proteger os seus. E que, Bibiana e Belonísia, cada uma a seu turno, também conseguem feitos sobre humanos para continuarem a existir, fazem com que a crença ganhe o *status* de verdade, uma vez que não há explicações racionais que justifique o resultado obtido.

Isso foi validado quando a justiça em Roraima solicita um laudo antropológico para melhor compreender e fazer um julgamento mais próximo da realidade dos praticantes do crime ocorrido e nesse artigo descrito.

As crenças não existem para transformarem os indivíduos em feras bestiais, tampouco valida o livre acesso a barbárie, mas é urgente conhecê-las. Dessa forma, serão cada vez mais desvendadas e desnudadas. Isso é essencial para ser o humano ser respeitado e tratado com a equidade humanizadora necessária.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA. Itamar Vieira Junior, prêmio Jabuti de literatura: “Aonde eu vou, levo a UFBA comigo” [https://sigaa.ufba.br/sigaa/public/programa/noticias\\_desc.jsf?lc=pt\\_BR&id=1913&noticia=534139](https://sigaa.ufba.br/sigaa/public/programa/noticias_desc.jsf?lc=pt_BR&id=1913&noticia=534139). Acesso 15 de fev. 2023.

**BAHIA. UFBA cria Programa de Bolsas Milton Santos voltado à graduação e pós.** Disponível em: <https://www.ufba.br/ufba-em-pauta/ufba-cria-programa-de-bolsas-milton-santos-voltado-%C3%A0-gradua%C3%A7%C3%A3o-e-p%C3%B3s> . Acesso 15 de fev. 2023.

**CARVALHO, A. T. Canaimé, a personificação do mal.** 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, Roraima, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufrb.br:8080/ispui/>. Acesso: 10 de out. de 2023.

**CRUZ, J. S. Nietzsche e a educação insubmissa.** Disponível em: <http://revistapontes.com.br/2021/06/16/nietzsche-e-a-educacao-insubmissa>. Paranavaí, 2021, v. 10, p. 4-17. Acesso em 19 de fev. de 2023.

**GESSINGER H. Somos quem podemos ser.** In.: O essencial de Engenheiros do Hawaii. São Paulo. BMG. Faixa 19. 02':38".

**GSHOW. Juma aceitará virar onça para matar Tenório em Pantanal.** Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/pantanal/noticia/juma-aceitara- virar-onca-para-matar-tenorio-em-pantanal.ghtml>. Acesso. 14 de mar. de 2023.

**ISTOÉ. 'Torto Arado', de Itamar Vieira Júnior, vence mais um: o Prêmio Oceanos 2020.** Disponível em: <https://istoe.com.br/torto-arado-de-itamar-vieira-junior-vence-mais-um-o-premio-oceanos-2020/>. Acesso: 15 de fev. 2023.

**KOCH-GRÜNBERG, T. Do Roraima ao Orinoco.** V. 1. Tradução Cristina Alberts-Franco. Editora UNESP, São Paulo: 2006.

**LEYA. Prêmio LeYa.** Disponível em: <https://leya.com/premio-leya>. Acesso em 12 de julho de 2024.

**LITERAFRO. Autores: Itamar Vieira Júnior.** Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/1270-itamar-vieira-junior>. Acesso 15 de fev. de 2023.

**MACHADO, A. e PEREIRA, J. P. Kanaimé e Pajé em território Wapichana: região amazônica entre o Brasil e a Guiana inglesa.** Organon, Porto Alegre, v. 35, n. 70, p. 1–17. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/103351> . Acesso em: 12 jul. 2024.

**RORAIMA. Processo que envolve homicídio em comunidade indígena é declinado para Justiça Federal.** <https://www.tjrr.jus.br/index.php/noticias/2955-processo-que-envolve-homicidio-em-comunidade-indigena-e-declinado-para-justica-federal>. Acesso em 14 de mar. de 2023.

**SÁ, L. Literatura da Floresta: textos amazônicos e cultural latino-americana.** Editora Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2012.

**SANTOS, J. R. T. O caso Canaimé: Entidade motivadora de crime de homicídio na Terra Indígena Raimundão/RR.** Reunião Brasileira de Antropologia. Disponível em: [https://www.32rba.abant.org.br/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=97](https://www.32rba.abant.org.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=97). Rio de Janeiro. 2020. Acesso em 12 de julho de 2024.

**SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico.** 24ª edição, São Paulo, Cortez, 2016.

WAPICHANA, I. S. **A Verdadeira História do Canaimé de Roraima**. Disponível em: <http://ivoniosolon.blogspot.com/2009/08/kanaime-lenda-ou-realidade.html>. Acesso em: 19 de fev. de 2023.

VIEIRA Jr., I. R. **"Trabalhar é tá na luta": vida, morada e movimento entre o povo da luna, Chapada Diamantina - Salvador**, 2017. 300 f.

VIEIRA Jr., I. R. **Torto Arado**. São Paulo. Todavia. 2019.

XAVIER, N. **Pantanal**. Disponível em: <http://teledramaturgia.com.br/pantanal/>. Acesso 15 de fev. de 2023.